

# VIA TEOLÓGICA

Volume 25 – Número 49 – jun. / 2024

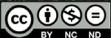
ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## A DIDÁTICA DE JESUS PARA UMA FORMAÇÃO COMPROMETIDA COM A COSMOVISÃO CRISTÃ BÍBLICA

*Dra. Márcia Gonçalves de Oliveira*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# A DIDÁTICA DE JESUS PARA UMA FORMAÇÃO COMPROMETIDA COM A COSMOVISÃO CRISTÃ BÍBLICA

THE DIDATIC OF JESUS FOR TRAINING COMMITTED TO THE  
BIBLICAL CHRISTIAN COSMOVISION

*Dra. Márcia Gonçalves de Oliveira<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Natural do Rio de Janeiro, reside no estado do Espírito Santo, é Bacharel em Ciência da Computação, Mestre em Informática e Doutora em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Cursa mestrado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Tem formação em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (Curso Livre na modalidade a distância) e concluiu Pós-Graduação a distância em Teologia e Interpretação Bíblica pela FABAPAR. Tem especializações em Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e em Informática na Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Atualmente é professora do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e docente titular do programa de mestrado e doutorado profissional em Educação em Ciências e Matemática (Educimat) do IFES e do programa de Mestrado Profissional em Rede de Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Desenvolve pesquisas em tecnologias educacionais, em metodologias de ensino para o ensino híbrido e ensino de computação. E-mail: clickmarcia@gmail.com.

## RESUMO

A influência cristã como sal da terra e luz do mundo tem perdido notoriedade em tempos pós-modernos porque os que se denominam cristãos desconhecem ou têm dificuldades de colocar em evidência e em prática nas suas vidas os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica. No entanto, ao olhar para o Antigo Testamento e para o Novo Testamento da Bíblia, observa-se que os pressupostos revelados por Deus apresentados nas escrituras e materializados em Cristo foram ensinados com métodos próprios também contidos nas narrativas e histórias da revelação divina. Os métodos de ensino de Jesus apresentados nos evangelhos, por exemplo, demonstram eficácia, uma vez que favoreceram a mudança de mentalidades de onze dos doze discípulos de Jesus e levaram muitas pessoas a abandonarem suas cosmovisões para assumirem a cosmovisão cristã. Mais do que isso, os que internalizaram os pressupostos da cosmovisão cristã negaram-se a si mesmos, a ponto de viverem e morrerem pelo reino de Deus que Jesus a eles apresentou. Verdade também é que os ensinamentos de Jesus não foram internalizados por muitas pessoas, visto que muitas delas os rejeitaram, abandonaram ou não abriram os corações para aprendê-los. Mas isso não significa que os métodos de Jesus sejam ineficazes, pois, não existem bons métodos de ensino para quem não abre a mente e o coração para aprender. Por isso, este artigo trata de como formar discípulos cristãos desenvolvendo um compromisso e uma orientação fundamental do coração que constituem parte da definição de cosmovisão. Dessa forma, a questão a ser respondida é como a didática de Jesus pode contribuir para a internalização da cosmovisão cristã bíblica em mentes e corações de forma a impactar vidas comprometendo-as com um modo de vida de criar cultura cristã e de formar discípulos? Para responder a essa pergunta, este artigo busca uma resposta a partir da própria Bíblia e de uma revisão bibliográfica da literatura atual de didática e de cosmovisão cristã bíblica. Em síntese, a didática de Jesus inspira porque na Palavra de Deus, Jesus fez seu conteúdo, o seu método e a sua prática.

**Palavras-chave:** Cosmovisão. Didática. Ensino de Jesus.

## ABSTRACT

The Christian influence as salt of the earth and light of the world has lost notoriety in post-modern times because those who call themselves Christians are unaware of or have difficulty putting into evidence and putting into practice in their lives the assumptions of the Christian worldview. However, when looking at the Old Testament and the New Testament of the Bible, it is observed that the assumptions revealed by God presented in the scriptures and materialized in Christ were taught with their own methods also contained in the narratives and stories of divine revelation. The teaching methods of Jesus presented in the gospels, for example, demonstrate effectiveness, since they favored the change of mentalities of eleven of the twelve disciples of Jesus and led many people to abandon their cosmovisions to assume the Christian cosmovision. More than that, those who internalized the assumptions of the Christian worldview denied themselves, to the point of living and dying for the kingdom of God that Jesus presented to them. It is also true that Jesus' teachings were not internalized by many people either, since many of them rejected them, abandoned them or did not open their hearts to learn them. But that does not mean that Jesus' methods are ineffective, because, in fact, there is no good teaching method for those who do not open their minds and hearts to learn. Thus, the question to be answered is how can Jesus' teaching contribute to the internalization of the biblical Christian worldview in minds and hearts in a way that impacts lives, committing them to a way of life of creating Christian culture and forming disciples? To answer this question, this article seeks an answer from the Bible itself and a bibliographical review of current literature on teaching and biblical Christian worldview. In short, Jesus' teaching inspires because in the Word of God, Jesus created his content, his method and his practice.

**Keywords:** Cosmovision. Didactic. Teaching of Jesus.

## INTRODUÇÃO

A didática é um termo que sofreu várias definições ao longo do tempo, mas essencialmente é compreendida como a arte, técnica ou a ciência de ensinar (GIL, 2018). A definição magna de didática como a arte de ensinar tudo a todos, porém, foi proposta por Amós Comenius, em sua obra *Didática Magna*:

a arte universal de ensinar tudo a todos, de modo certo, para obter resultados, de ensinar de modo fácil, portanto, sem que docentes e discen-tes se molestem ou enfadem, mas, ao contrário, tenham grande alegria; de ensinar de modo sólido, não superficialmente de qualquer maneira, mas para conduzir à verdadeira cultura, aos bons costumes, a uma piedade mais profunda (COMENIUS, 2011, p. 12).

Depois dessa definição, muitas outras surgiram, mas estas ainda não alcançam plenamente a definição da didática Magna de Comenius. Para Libâneo (2017), a didática “é um meio de trabalho pelo qual professores se servem para dirigir a atividade de ensino, cujo resultado é a aprendizagem dos conteúdos pelos alunos”. De acordo com Gil (2018), a didática essencialmente se define como arte ou ciência do ensino, mas é polêmica, o que mostra a necessidade de se criar tantos termos como didática geral, didática ativa, didática tradicional e até didática mínima (GRISI, 1988) para defini-la e delimitá-la.

Considerando a definição de Comenius e as definições mais atuais de Libâneo (2017) e Gil (2018), este artigo vem mostrar que a didática de Jesus, mesmo sendo antiga, ainda assim, alcança a definição de Didática Magna de Comenius, continua relevante para este tempo e avança em seus propósitos em relação às outras didáticas. Isso porque a didática de Jesus, para além da finalidade da aprendizagem, visa a de transformação de vidas, não a partir da ação ou do comportamento, mas da renovação da mente dos indivíduos que aprendem. Assim, a didática de Jesus se propõe a gerar nos indivíduos aprendentes, mais do

que uma formação, uma cosmovisão, isto é, um compromisso e uma orientação do coração para internalizar o que foi ensinado, direcionar suas vidas e fundamentar as suas razões de ser e de existir neste mundo.

De acordo com Vidal (2021), o ensino de Jesus impressiona por sua força e atualidade. Isso se evidencia nos resultados da sua formação nas vidas dos apóstolos, incluindo o apóstolo Paulo. Esses homens tornaram a cosmovisão cristã bíblica conhecida e relevante no mundo, escreveram as páginas do Novo Testamento e deixaram um legado dos ensinamentos de Jesus para o mundo.

Os resultados dos métodos de Jesus foram tão surpreendentes que se sobressaem aos métodos mais modernos da Educação contemporânea, que, em geral, ancoram-se em cosmovisões secularistas, e que já se mostram insuficientes para formar com resultados o perfil de aluno do século XXI. Além disso, é possível afirmar que tudo aquilo que hoje é muito comum ser utilizado nas atividades educacionais foi usado de alguma forma por Jesus ao menos em seu embrião (PRICE, 2008). Mas a diferença é que, mesmo em seu embrião, os métodos de ensino de Jesus têm registro de resultados impactantes nas vidas das pessoas que foram e continuam sendo formadas por ele.

De acordo com Horne (1920), Jesus, o mestre de ensinar, possuía as qualificações essenciais de um professor que, mesmo nos dias de hoje, ainda são de grande valor: uma visão que abranja o mundo, o conhecimento do coração dos homens, domínio do assunto estudado, aptidão para ensinar e uma vida que incorpora o que é ensinado. E o mais interessante é que Jesus, em seu tempo, usou uma variedade de métodos para fazer com que as pessoas ficassem ativamente envolvidas em seu ensino (HORNE, 1920).

Dessa forma, conhecendo o potencial do ensino de Jesus para tocar mentes e corações em uma abordagem transforma-

dora e multiplicadora, o ensino da cosmovisão cristã bíblica deve ser conduzido pela didática do próprio Jesus de forma a produzir culturas e atender as missões da grande comissão de formar discípulos. Nessa perspectiva, entende-se que o ensino não é mais uma mera transmissão de conteúdos, mas uma ação que deve abranger a produção ativa do significado (GRENZ, 1997).

Para essa produção ativa de significado, torna-se necessário que essa referência de ensino de Jesus seja retomada no ensino da cosmovisão cristã bíblica para que esta de fato, ao ser internalizada pelos seus seguidores, faça a diferença no mundo e a sua influência se evidencie nas vidas de cristãos autênticos que representam Jesus como sal da terra e luz do mundo.

Para apresentar a didática de Jesus e as suas contribuições para o ensino da cosmovisão cristã bíblica, este trabalho está organizado conforme a ordem a seguir. Na Seção 2, apresentamos definições do termo cosmovisão e descrevemos alguns pressupostos da cosmovisão cristã bíblica. Na Seção 3, apresentamos características de Jesus e da sua didática que a destacam como ideal para o ensino da cosmovisão cristã bíblica, uma vez que outras metodologias estão ancoradas em diversas cosmovisões secularistas. Na Seção 5, concluímos com as considerações finais.

## 1. A COSMOVISÃO CRISTÃ BÍBLICA

A cosmovisão é um termo que possui muitas definições, mas que essencialmente é entendido como uma visão de mundo que orienta o ser humano em sua maneira de interpretar a realidade na qual se insere. Para Domingues (2018), a cosmovisão indica como um indivíduo fundamenta a sua razão de ser e de existir e não pode ser entendida apenas como um conceito cognitivo, mas também afetivo e relacional. Para se ter uma ideia do que é e do que não é cosmovisão, a partir dos cinco conceitos de cosmovisão apresentados por Domingues (2020), elaboramos,



conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas), que nós sustentamos (consciente ou inconscientemente) sobre a constituição básica da realidade, e que provê o fundamento sobre a qual vivemos, nos movemos e existimos (SIRE, 2004, p. 122).

Nessa definição, o compromisso e a orientação fundamental do coração chamam à atenção porque, em tempos de pós-modernidade, em que princípios, valores, conhecimentos, verdades e até pessoas têm sido banalizados, como formar mentes que se comprometem com uma visão de mundo e corações dos quais se procedem saídas para a vida (Pv 4.23)?

Dessa forma, se não houver mais um compromisso e uma orientação fundamental do coração, como internalizar pressuposições, sustentá-las e colocá-las como fundamento sobre o qual vivemos, movemos e existimos? Em uma sociedade líquida, descrita por Zygmunt Bauman como a natureza fluida e instável das relações sociais, como solidificar os pressupostos de uma cosmovisão nas mentalidades das gerações Z, Alfa e Pós-Covid do século XXI?

O que acontece atualmente é que essas novas gerações, inseridas em uma sociedade cada vez mais digital e volátil, tentam acompanhar o ritmo acelerado das transformações tecnológicas. Assim, eles consomem diariamente uma grande quantidade de informações, muitas mais inúteis do que úteis, recebem as coisas prontas para “usar e descartar” e, pela alta influência das redes sociais e da escola onde passam a maior parte do tempo, acabam sendo influenciados por várias cosmovisões. No entanto, sem compromisso e sem uma orientação do coração, em geral, essas gerações têm dificuldades em se firmar em cosmovisões cujos pressupostos sejam bem definidos e requerem uma renovação da mente, compromissos e entrega de vidas às causas, missões e visões. Por isso, essas gerações tendem a “curtir” várias cosmovisões ou a abraçar algumas para seguir um modismo ou para

atender interesses pessoais. Mas dificilmente elas, por falta ou excesso de conhecimento, entregam-se a uma única cosmovisão para fundamentar a sua razão de ser e de existir.

A cosmovisão cristã bíblica é um tipo de cosmovisão que requer como compromissos e orientação do coração a renovação da mente, a adoção de um estilo de vida contrário às cosmovisões secularistas advindas do sistema do mundo, onde o pecado impera e Deus não é referência. Sendo teorreferente, a cosmovisão cristã bíblica se constrói a partir da Palavra de Deus revelada na Bíblia e materializada na pessoa de Jesus, que representa o fundamento e a prática da cosmovisão cristã bíblica. Essa cosmovisão se sobressai a todas as outras porque apresenta o caminho (e não caminhos), a verdade (e não verdades temporárias ou incertezas) e a vida eterna (e não a morte como um fim) em Jesus.

A cosmovisão cristã bíblica possui muito mais que tudo que uma cosmovisão pode oferecer, pois tem uma perspectiva teorreferente. Isso quer dizer que o núcleo da interpretação parte de Deus e do seu plano revelacional (DOMINGUES, 2022). Essa cosmovisão herda os princípios da obediência, promessa e história da educação judaica, que “ocorre dentro de uma cosmovisão na qual Deus é a origem, centro e destino de todas as coisas, incluindo a vida humana” (DOMINGUES, 2020). Nessa relação com a Educação Judaica, há a necessidade de conhecimento dos mandamentos, a expectativa da recompensa divina e o reconhecimento da ação divina ao longo da história (DOMINGUES, 2020). A cosmovisão cristã bíblica, no entanto, avança essa visão de mundo da Educação Judaica ao interpretar os conhecimentos da Lei pela lente do amor e da misericórdia. Prova disso é que Jesus, após ser repreendido por estar no meio de pecadores, disse “Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício. Porque eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (Mt 9.13). Em síntese, a cosmovisão cristã bíblica pode ser entendida a partir dos pressupostos apontados por Sire (2001):

Deus é infinito e pessoal (triúno), transcendente e imanente, onisciente, soberano e bom. Deus criou o cosmo ex nihilo. Os seres humanos são criados à imagem de Deus. Os seres humanos podem conhecer o mundo à sua volta, quanto o próprio Deus. Os seres humanos foram criados bons, mas pela Queda, a imagem de Deus foi desfigurada. Pela obra de Cristo, Deus redimiu a humanidade. A ética está baseada no caráter de Deus. A história é linear. Ela cumpre os propósitos de Deus (SIRE, 2001, p. 30-47; DOMINGUES, 2020).

A cosmovisão bíblica cristã é a cosmovisão que se materializa, portanto, na cultura do reino dos céus implantada na terra, na dimensão do tempo e da eternidade, sob a autoridade, proteção e cuidado de Deus. No entanto, a adesão à cosmovisão cristã bíblica requer um novo nascimento, uma renovação da mente e um modo de vida na contramão do sistema do mundo e uma entrega de vida às causas, missões e visões de Jesus, mesmo sob ameaça de perseguição e de morte.

18

Muitas pessoas se denominam cristãs, porém, ao adotarem várias cosmovisões secularistas tentando conciliá-las com uma vida cristã, isto é, conciliar trevas com luz, acabam por abandonar a cosmovisão cristã bíblica, porque os seus pressupostos desta são incompatíveis com as cosmovisões secularistas. Essa tentativa de viver uma vida dupla dividida entre cosmovisões secularistas e a cosmovisão cristã faz esta última perder em influência uma vez que ela não se sobressai ou nem aparece de forma plena no modo de vida de quem adota o rótulo de cristão, mas que, na prática, evidencia o *modus operandi* das cosmovisões secularistas. Assim, a cosmovisão cristã bíblica vem sendo substituída de maneira “ingênua” e instantânea por um olhar secularista (MENESES, 2022). Isso acontece por causa do dualismo, que faz separação entre o profano e o sagrado levando muitas pessoas que se denominam cristãs a acreditarem que podem viver uma vida religiosa e uma vida

secular (MENESES, 2022). Assim, pela falta de conhecimento dos pressupostos da cosmovisão que abraça, o povo de Deus é destruído (Os 4.6) e a influência da cosmovisão cristã bíblica reduz-se cada mais. Além disso, enfraquece também a influência cristã no mundo a legitimação de cosmovisões secularistas pelas esferas jurídicas, midiáticas e educacionais, que têm o poder de formar ideologias (MADUREIRA, 2017).

No caso da influência da esfera educacional, Meneses (2022) chama a atenção para a relevância da Educação na formação de mentalidades e o seu poder para transformar vidas, mas destaca que, infelizmente, a educação é ancorada em cosmovisões secularistas (MENESES, 2022). E muitos que conduzem a educação, hoje, estão mais preocupados com métodos e uso de tecnologias do que com os fundamentos que ditam como devem ser as suas práticas educativas.

As ideologias legitimadas pelas esferas jurídicas, educacionais e midiáticas têm influenciado fortemente os jovens das gerações *Z*, *Alfa* e *Pós-Covid*. Assim, muitos jovens que se denominam cristãos, pela falta de conhecimentos da cosmovisão cristã bíblica, assumem identidades propagadas pelas vozes de grupos sociais minoritários sem saber de onde elas vêm, os seus impactos nas relações sociais e a que interesses elas de fato atendem.

Para Domingues (2022), a falta de conhecimento sobre as bases e os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica indica uma necessidade de efetivação de uma prática de ensino a ser recuperada. Contemplando essa necessidade, é que, neste artigo, chamamos a atenção do papel da Educação para formar mentalidades e o seu poder de internalizar cosmovisões.

No entanto, por estar a Educação ancorada predominantemente em cosmovisões secularistas que entram em conflito com os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica, entendemos que esta última precisa ser ensinada com um ensino de autoridade com o poder de criar culturas, conforme o mandato cul-

tural (Gn 1.22) do Antigo Testamento, e de formar discípulos da grande comissão (Mt 28.19-20) do Novo Testamento. Em síntese, esse ensino deve seguir o modelo de ensino de Jesus bem como os seus métodos e suas práticas que se consolidam como referências, dados os impactos que a didática de Jesus proporcionou nas vidas de seus seguidores. Por isso,

A partir do conhecimento de que a cosmovisão secularista pós-moderna proporciona uma formação humana deficitária e a cosmovisão cristã oferece uma formação humana holística, é urgente o estabelecimento de propostas educacionais fundamentadas em uma cosmovisão cristã (MENESES, 2022).

## 2. A DIDÁTICA DE JESUS PARA O ENSINO DA COSMOVISÃO CRISTÃ BÍBLICA

20

Uma vez que é urgente o estabelecimento de propostas educacionais construídas nos fundamentos da cosmovisão cristã (MENESES, 2022), acreditamos que a própria Bíblia, além de conter os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica, possui a maior referência de ensino desses pressupostos, que é o próprio fundamento da cosmovisão cristã bíblica: Jesus Cristo, considerado o “Mestre por Excelência” (PRICE, 2008; LEBAR, 2009).

Jesus destacou-se como um mestre por excelência pela sua didática excepcional caracterizada pela comunicação criativa de conhecimentos profundos de forma simples que tocou as mentes e corações dos seus discípulos, das multidões, de pessoas da elite acadêmica de seu tempo, de representantes do comando militar do império romano e, principalmente, de pessoas excluídas socialmente.

Para Vidal (2021), Jesus era muito mais do que um rabino. É um dos motivos apontados por esse autor para assim considerar Jesus, foi que ele tinha o poder de utilizar uma história do cotidiano, que era a parábola, para apresentar uma mensagem de

natureza espiritual. De fato, a parábola foi um recurso didático de notória originalidade que foi utilizado por Jesus com maestria. Ele como ninguém explorou o potencial didático desse recurso que compreendia o desejo humano de contar histórias (VIDAL, 2021). Mas Jesus não utilizou as parábolas apenas para entreter os que as ouviam, ou para tornar seu ensino mais atrativo. O seu objetivo, ao utilizar parábolas, foi ensinar os conhecimentos de Deus levando as pessoas a refletirem e a questionarem, o que implica em uma forma superior de ensino (VIDAL, 2021).

Essa forma superior de ensino do mestre Jesus vai além porque essa didática de uso da parábola alcança diferentes tipos e níveis de aprendizagem das pessoas, mas a verdadeira compreensão só acontece para os que abrem a mente e o coração para compreender. É a aprendizagem que acontece pela sensibilidade espiritual e não pela inteligência humana. Por isso, quando seus discípulos perguntaram a Jesus por que ele ensinava por meio de parábolas, ele disse:

Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; porque àquele que tem, se dará, e terá em abundância; mas àquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis, e, vendo, vereis, mas não perceberéis. Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos; para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e eu os cure. Mas, bem-aventurados os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem (Mt 13.10-16).

A partir dessa explicação do próprio Jesus sobre porque ele ensinava por parábolas, evidencia-se que o desejo do ensino de Jesus é que se compreendesse com o coração as verdades

do reino de Deus e que houvesse conversão e cura. E, se isso não acontecesse, a parábola ficaria incompreensível até para as mentes mais sábias. Dessa forma, todos recebem o ensino, mas só o internalizam os que abrem o coração. Os discípulos, quando não entenderam algumas parábolas como as do semeador (Mt 13.1-23; Mc 4.1-20; Lc 8.5-15) e a do joio e do trigo (Mt 13.24-46; 36-43), pediram explicações que ele pronta e brilhantemente atendeu. As explicações foram tão preciosas que foram registradas na Bíblia. Assim, elas não foram expostas apenas para eles, mas para todos os que hoje leem o Novo Testamento e que abrem os corações para entendê-las. É importante observar que apenas os discípulos foram depois perguntar os significados dessas parábolas, mas muitos preferiram apenas “curtir” as histórias sem compreender seus significados.

Curiosamente, essas duas parábolas, a do semeador e a do trigo e joio, por si mesmas, explicam, respectivamente os tipos de corações que recebem a Palavra de Deus e a identidade daqueles que não a recebem, que são os filhos do maligno. Para estes, a Palavra de Deus é sempre loucura, mas para os que são salvos é o poder de Deus (1Co 1.18-21). É nesse poder que o ensino rende frutos e retroalimenta o ciclo de formação de discípulos para formar mais discípulos para o reino de Deus.

Além das parábolas, Jesus utilizou outros recursos que faziam parte do cotidiano das pessoas, entre eles, destacam-se as alegorias, como a da videira verdadeira (Jo 15.1-12), que foi utilizada para ilustrar a comunhão entre Deus, Jesus e os seus seguidores; as ilustrações, como aquela utilizada por Jesus sobre o lançar o pão da família para os cachorrinhos, que tinha como objetivo ensinar a uma mulher siro-fenícia que Jesus, como Pão da vida, veio primeiro para os judeus (Mt 15.21-28); objetos, como a moeda que Jesus ensinou a memorável frase “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22.16-22); e as dramatizações do lava-pés (Lc 13.1-17), utilizado por Jesus para dar o exemplo do que é ser servo; e da ceia do Senhor (Lc

22.12-20), para, até hoje, continuarmos anunciando a morte de Jesus até que ele venha (1Co 11.26).

Vale considerar aqui que todos esses recursos didáticos impactaram seus ouvintes de alguma forma. A videira verdadeira é uma belíssima representação da igreja que os discípulos de Jesus iniciaram. A mulher siro-fenícia foi honrada por Jesus pela sua fé ao continuar a ilustração de Jesus afirmando que os cachorrinhos também comem as migalhas que caem no chão. Os que ouviram a resposta de Jesus “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, quando para ele fizeram uma armadilha para apanhá-lo, maravilharam-se e saíram calados. Já a ceia do Senhor é um memorial reproduzido até hoje nas igrejas e, por meio dela lembramos o sacrifício de Jesus e celebramos a comunhão da igreja. A partir desses e de tantos outros exemplos, podemos afirmar que o ensino de Jesus nunca voltou vazio e sempre impactou mentes e corações, ainda que nem sempre o seu ensino fosse aceito.

Quando Jesus se apresentou como o “Pão da Vida”, após o milagre da multiplicação dos pães (Jo 6), por exemplo, os judeus o desprezaram (Jo 6.41-43) e muitos discípulos o abandonaram alegando que “duro é este discurso” (Jo 6.61), mas Pedro, respondendo por ele e pelos outros discípulos de Jesus, disse: “para onde iremos nós se tens as palavras de vida eterna?” (Jo 6.68). De fato, Jesus afirmou aos que o abandonaram que as palavras dele eram Espírito e vida (Jo 6.63), mas eles não creram. Ainda assim, Jesus, mesmo conhecendo os corações que receberam o ensino, ele não deixou de ensinar para todos e aqueles que nele encontraram as palavras de vida eterna nunca cessaram de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo (At 5.42), obedecendo às instruções da grande comissão de formar discípulos (Mt 28.19-20) que foi ordenada por Jesus.

Uma vez conhecidas as finalidades do uso didático das parábolas e outros recursos do cotidiano para ilustrar o ensino de Jesus, compreende-se que estes, como o mestre bem evidenciou,

são excelentes recursos para ensinar a cosmovisão cristã bíblica e alcançar o compromisso e a orientação fundamental do coração que definem uma cosmovisão (SIRE, 2001, p. 30-47), uma vez que estes até hoje são lembrados e reproduzidos por aqueles que internalizaram em seus corações o que Jesus ensinou.

Os sermões de natureza expositiva também foram importantes recursos utilizados na didática de Jesus. Aliás, todas as suas preleções tinham o poder de provocar o pensamento, sondar corações além de serem muito práticas e cheias de vida (PRICE, 2008). O mais conhecido sermão de Jesus é o Sermão do Monte (Mt 5-7), que Jesus proferiu para explicar como é a ética do reino dos céus. Esse discurso foi ouvido pelos discípulos e pelas multidões, e estas reconheceram que Jesus ensinava com autoridade e não como os escribas e os religiosos detentores do conhecimento da Lei (Mt 7.28-29), que apenas reproduziam conhecimentos memorizados que aprenderam com outros rabinos.

24

É importante considerar que, na Educação atual, os métodos expositivos são considerados ultrapassados e são fortemente criticados. No entanto, ao observar que as multidões iam atrás de Jesus onde ele estava, e até de madrugada, para ouvi-lo (Lc 5.16), entendemos que o problema, na verdade, não está nos métodos, mas sim na falta de autoridade daqueles que ensinam apenas reproduzindo o que já está escrito. No caso de Jesus, os seus sermões eram proferidos com criatividade, simplicidade e evidenciava um domínio de conhecimentos aprofundados das escrituras. Além disso, a autoridade do seu ensino vinha do seu notório saber da Palavra de Deus, da sua vivência na prática do que ensinava e da sua capacidade de fazer-se ouvir porque tocava a mente e coração das pessoas. O seu método de exposição ia para além da reprodução de conteúdos. Por isso, as multidões paravam para ouvir seus sermões e se maravilhavam reconhecendo neles uma autoridade superior.

O Sermão do Monte termina com o importante ensinamento transmitido a partir da ilustração de duas casas: aquele

que aprende e põe em prática o que aprendeu é como a casa edificada sobre a rocha e, aquele que ouve mas não aplica o que aprende é semelhante à casa edificada sobre a areia, que logo cai com um vento, com a força do rio e com uma chuva (Mt 7.24-27). Com essa simples ilustração, Jesus mostra a importância de não apenas ouvir e conhecer, mas também de colocar em prática o que se aprende. Na verdade, aqui Jesus apontava para a necessidade de se ter um compromisso com os mandamentos de Deus e fazer deles uma orientação do coração que deve fundamentar a razão de ser e de existir daquele que crê, como pressupõe a definição de cosmovisão.

Além de falar para as multidões, a didática de Jesus também era oferecida de forma individualizada na forma de diálogos, entre os quais, destacamos, os diálogos com Nicodemos (Jo 3) e com a mulher samaritana (Jo 4.1-42). Esses dois exemplos evidenciam muito bem como os métodos de Jesus, em especial os de diálogos, potencializavam a internalização da cosmovisão cristã bíblica em mentes e corações, quando eram desenvolvidos sob medida para os perfis dos seus ouvintes.

Com Nicodemos, Jesus promoveu um diálogo de alto nível, sabendo que ele era um membro da elite acadêmica judaica e que fazia parte do alto escalão do sinédrio. Nicodemos foi à noite falar com Jesus porque queria saber mais sobre aquele a quem ele chamava de mestre, pois, no seu entender, Jesus não poderia fazer as coisas que fazia se Deus não fosse com ele. Mas Jesus deixa esse homem de notório saber embaraçado com suas perguntas e afirmações sobre o novo nascimento e sobre o plano de salvação, que expressa o grande amor de Deus pela humanidade entregando o único filho “para que todo aquele que nele crê não perecesse, mas tivesse a vida eterna” (Jo 3.16). Nesse diálogo com Jesus, Nicodemos, que estava à procura de conhecimentos, foi apresentado ao plano de salvação. Caberia então a ele compreender a verdade a ele apresentada e decidir se a aceitaria ou não. O texto de João 3 não diz qual foi a decisão de

Nicodemos, mas a conversa dele com o mestre foi uma das mais valorosas peças de ensino de Jesus pelas verdades profundas reveladas em tão poucas e inteligentes palavras. Nas páginas da Bíblia, esse diálogo representa a mensagem central do plano de Deus para salvar a humanidade e até hoje é pregado em muitos sermões evangelísticos.

Já o diálogo com a mulher samaritana mostrou que “era necessário passar por Samaria” porque as pessoas de uma cidade precisavam ouvir o evangelho e serem salvas. Mas o método de Jesus, para essa necessidade, não foi pregar um sermão para uma multidão de pessoas, mas sim conversar com uma mulher samaritana. Mas para essa didática, era preciso eliminar as barreiras dos preconceitos. Nenhum homem judeu de boa reputação pararia para conversar com essa mulher de Samaria e muito menos para lhe ensinar alguma coisa. Mas Jesus, como Deus, não vê como o homem vê, mas sim, vê o que está no coração (1Sm 16.7). Jesus então se aproximou dessa mulher, mesmo havendo entre eles barreiras de preconceitos, e a escolheu para ensinar de forma bem simples verdades profundas do reino dos céus que a fizeram levar todas as pessoas de sua cidade para Cristo.

Ao contrário de Nicodemos que deixou oculta a sua decisão, a mulher samaritana era uma mulher de vida simples que tinha ido ao poço apenas buscar água. Nesse contexto dela, Jesus inicia o diálogo pedindo água a ela, o que já de primeira impressão a surpreende porque um homem judeu não deveria conversar com uma mulher samaritana. A segunda surpresa que causa nela é dizer que possui água viva que tira toda a sede. Jesus continua falando sobre a verdadeira adoração, que não se define por lugar, mas em ser do coração e em Espírito e em verdade. Jesus, então, naturalmente entra no assunto da vida pessoal e pecaminosa dela. A mulher tentou mudar o assunto, mas diretamente Jesus lhe fala que é o messias. A mulher crê, abandona o cântaro e a água que veio buscar, e anuncia para as pessoas da sua cidade que encontrou o Messias esperado. A par-

tir dela, muitos chegaram a Jesus e tiveram o privilégio de serem ensinadas diretamente pelo Mestre por Excelência.

Em Samaria, o método do diálogo espontâneo foi mais eficaz do que uma pregação para todos ao mesmo tempo. Isso porque Jesus conhecia o coração das pessoas e não olhava para a aparência ou para o passado, mas sim para o potencial delas de receptividade ao evangelho e de renovação da mente. Por isso, o ensino de Jesus era ministrado conforme o que cada coração podia receber.

A partir dos exemplos apresentados, evidencia-se que a didática de Jesus de fato era incomparável e ela estava comprometida com a vontade de Deus e, por isso, destinou-se a ensinar para transformar vidas e a formá-las para cumprir o mandato cultural para gerar culturas e a grande comissão para formar discípulos. Por isso, a cosmovisão cristã bíblica deve ser ensinada como Jesus ensinou.

Mas é importante compreender que não adianta criar culturas e fazer discípulos se a didática não contribuir para materializar os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica. Daí surge a necessidade de também cumprir a ordem da grande comissão que é o fazer discípulos em ações de pregar, ensinar e batizar para internalizar nas mentes e orações a cosmovisão cristã bíblica. Para isso, a própria cosmovisão cristã bíblica tem a solução, pois ela tem o caminho, a verdade e a vida, que é Jesus, que encarna a Palavra de Deus e que revela em si os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica.

Em síntese, na didática de Jesus identificada em algumas de suas parábolas e em outros relatos dos evangelhos sobre a sua forma de ensinar, reconhecem-se, as seguintes características de seu ensino que favorecem a internalização de uma cosmovisão em mentes e corações:

- É simples na linguagem e na explicação
- É transmitido com autoridade
- Aplica uma grande variedade de métodos conforme os tipos de corações

- Promove aprendizagem conforme a receptividade, sensibilidade e o esforço dos aprendizes
- Leva o aprendiz de seu contexto para o contexto das escrituras
- Possui alto poder de influência
- Apela para a reflexão
- Promove o crescimento
- É disruptivo, isto é, começa simples, mas quando começa a crescer se sobressai.
- É multiplicado por aqueles que o compreendem e recebem de bom grado
- Faz arder o coração ao explicar as escrituras (Lc 24.32)
- Transforma vidas
- Promove a obediência ao mandato cultural e à grande comissão

28

Assim, na Palavra de Deus, Jesus fez seu conteúdo, o seu método e a sua prática. Os resultados foram a transformação de vidas e a formação de gente comprometida e com uma orientação do coração para pregar e ensinar o que Jesus ensinou de geração a geração. Por isso, a didática de Jesus pode ser a referência primária para ensinar com resultados os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica.

## CONCLUSÃO

Este artigo apresentou a didática do Jesus como referência para o ensino de cosmovisão cristã bíblica porque, como Deus, Jesus via e conhecia o que estava no coração das pessoas e explorava não os fracassos de um passado, mas o potencial de aceitação e de renovação da mente. Por isso, o seu ensino poderia estimular compromissos e uma orientação do coração para viver como aqueles que tornam o evangelho a sua visão de mundo e o fundamento para a sua razão de ser e de existir.

Retomando a questão de pesquisa de como a didática de Jesus pode contribuir para a internalização da cosmovisão cristã bíblica em mentes e corações de forma a impactar vidas comprometendo-as com um modo de vida de criar culturas e de formar discípulos, a resposta está nos exemplos apresentados de pessoas que foram formadas por Jesus. Esses resultados informam que a didática de Jesus é excepcional para formação de mentalidades comprometidas com os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica porque ela é desenvolvida de acordo com o que está no coração. Além disso, o ensino da cosmovisão cristã bíblica requer um direcionamento para cumprir as ordens do mandato cultural e da grande comissão. Nisso, a didática de Jesus certamente é a melhor referência.

Como trabalho futuro a partir deste, indicamos uma análise da aplicação dos métodos de ensino de Jesus e os seus impactos nas vidas de seus aprendizes. O ensino de Jesus impactou vidas e foi reconhecido como sendo de autoridade pelas multidões. A Educação atual já não alcança resultados satisfatórios para atender as necessidades de ensino e de aprendizagem do século XXI, por isso, a Educação Cristã deve se sobressair neste tempo com as suas referências educacionais em Cristo, que têm de fato ensino com autoridade para internalizar conteúdos em mentes para uma aprendizagem com prática e vivência que impactam na transformação de pessoas e do mundo.

Concluindo, é importante considerar que a Educação contemporânea e seus métodos são insuficientes para o ensino da cosmovisão cristã bíblica porque ancoram-se em cosmovisões secularistas. Por isso, as escolas cristãs e as igrejas devem buscar seus métodos de ensino na própria Bíblia, em especial nos métodos de ensino de Jesus, tendo como referências as instruções do mandato cultural e da grande comissão para formação integral de pessoas para que estas sejam sal da terra e luz do mundo refletindo sempre a glória de Deus em suas vidas.

## REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Visão de mundo e a lente bíblica para ler a realidade**. Curitiba: Discipular, 2020.

DOMINGUES, Gleyds Silva (Org.). **Estudos temáticos em cosmovisão cristã: olhares sobre diferentes áreas da vida**. Edição do Kindle, 2022.

DOMINGUES, Gleyds Silva; RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **Cosmovisão e educação: panorama histórico e temático**. Curitiba: Emanuel, 2020.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Diretrizes para a Educação Cristã Bíblica: para onde vamos?** Curitiba: Emanuel, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2018. Edição do Kindle.

GRISI, R. **Didática mínima: atualidades pedagógicas**. 13.ed. São Paulo: Nacional, 1988. Vol. 84.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HORNE, Herman. **Jesus the teacher: Examining his expertise in education**. Grand Rapids: Kregel Academic, 1920.

LEBAR, Lois E. **Educação que é cristã**. Tradução de James Monteiro dos Reis. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 36. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MENESES, Tácia. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org.). **Estudos temáticos em Cosmovisão Cristã: olhares sobre diferentes áreas da vida**. Curitiba: s.n., 2022. Edição do Kindle.

NASH, Ronald H. **Cosmovisões em conflito**: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias. Brasília: Monergismo, 2012.

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta**: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural. Tradução de Luis Aron. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

PRICE, John Milburn. **A pedagogia de Jesus**: o mestre por excelência. 3.ed. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: SABRE, 2008.

SIRE, James W. **Naming the elephant**: worldview as a concept. Downers Grove: Intervariety, 2004.

SUCASAS, Marcelo. A perspectiva dos princípios da Cosmovisão Bíblica na formação discipular. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org.). **Estudos temáticos em Cosmovisão Cristã**: olhares sobre diferentes áreas da vida. Curitiba: s.n., 2022. Edição do Kindle.

VIDAL, César. **Mais que um rabino**: a vida e os ensinamentos de Jesus, o Judeu. São Paulo: Hagnos, 2021.